



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Mediúncia com Sartre

Em nome da liberdade, se cometem hoje muitas irresponsabilidades. Por isso, esta coluna exclusiva com o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre, para quem a liberdade é o fundamento da vida humana. Fala, mestre.

O que quer dizer colocar a liberdade no centro de nossa vida?

Você é livre, escolha, quero dizer, invente. Antes de viverdes, a vida não é nada; mas de vós depende dar-lhe um sentido, e o valor não é outra coisa senão

esse sentido que escolherdes.

Como assim?

Estamos sós e sem desculpas, é o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio; e no entanto livre, porque, uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer.

Mas isso não pode levar a uma onda de irresponsabilidade?

Quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua estrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens.

Quais as implicações dos atos individuais sobre o interesse coletivo?

Certamente muitas pessoas acreditam que ao agirem só implicam isso a si próprias, e quando se lhes diz: e se toda gente fizesse assim?, elas dão de ombros e respondem: nem toda a gente faz assim. Ora, a verdade é que devemos perguntar-nos sempre: o que aconteceria, se toda a gente fizesse o mesmo?

Mas não existem as circunstâncias que favorecem ou tolhem a nossa liberdade?

O essencial é a escolha. A vida de um escravo que se rebelar e morre no curso da sublevação é uma vida livre. Nós somos o que fazemos do que os outros fazem de nós.

E se uma pessoa é covarde?

Não há temperamento covarde. O que diz o existencialista é que o covarde se faz covarde, que o herói se faz herói;

há sempre uma possibilidade para o covarde de já não ser covarde, como para o herói de deixar de o ser.

Poderia dar um exemplo do que chama de má-fé?

As circunstâncias foram contra mim, eu valia muito mais do que aquilo que fui. É certo que não tive um grande amor, ou uma grande amizade, mas foi porque não encontrei um homem ou uma mulher que fossem dignos disso, não escrevi livros muito bons, mas foi porque não tive tempo livre para o fazer. Não tive filhos a quem me dedicasse, mas foi porque não encontrei o homem com quem pudesse realizar a minha vida.

E o que o senhor diria para essa pessoa?

O homem não é mais que a sua vida.

O que acha do futuro da humanidade? Podemos descambar para o fascismo?

Sendo sabido que estes homens são livres e que decidirão livremente amanhã do que será o homem; amanhã, alguns homens podem decidir estabelecer o fascismo; e os outros podem ser suficientemente covardes e desorganizados para consentirem nisso. Na realidade, as coisas serão tais como o homem tiver decidido que elas sejam.

Em suma, o que é liberdade?

Liberdade é responsabilidade.

O existencialismo não é uma filosofia pessimista?

Não, é otimista, é uma doutrina da ação e da responsabilidade, mostra que o nosso destino está em nossas mãos.

VIOLÊNCIA / Solta há pouco mais de um mês, Laryssa Yasmin, mãe da menina e acusada do assassinato, conta ao **Correio** a versão da tragédia que chocou o DF no ano passado. A criança foi esfaqueada em 13 de fevereiro de 2020

Reviravolta na morte de Júlia Félix, 2 anos

» DARCIANNE DIOGO

Uma tragédia que comoveu todo o Distrito Federal tomou um rumo surpreendente para quem acompanhou o caso da morte de Júlia Félix de Moraes, 2 anos. A criança foi assassinada a facadas dentro de uma quitinete, na Colônia Agrícola Samambaia, em Vicente Pires, em 13 de fevereiro de 2020. Laryssa Yasmin Pires de Moraes, 21, mãe da vítima, foi presa na época, assumiu a autoria do homicídio e permaneceu detida na Penitenciária Feminina (PFDF) por 1 ano e 9 meses. Em 17 de novembro, o Tribunal do Júri de Águas Claras concedeu alvará de soltura à Laryssa e pediu a retomada das investigações sobre o fato. O motivo seria a inconsistência das declarações prestadas por Giuvan Félix Araújo, pai de Júlia, que estava presente no apartamento no dia do homicídio. Em entrevista ao **Correio**, Laryssa dá nova versão e detalha o passo a passo do que teria acontecido no dia da morte da filha.

Com base na decisão da Justiça, o primeiro depoimento prestado pela mãe da criança na 12ª Delegacia de Polícia (Taguatinga Centro), logo após ser presa, foi ocultado e não constava nos autos do processo. Foi essa declaração que intrigou o desembargador, que encontrou incoerências nas provas técnicas produzidas no curso da persecução penal, em especial as conclusões apontadas pelos peritos, quanto a elaboração do laudo pericial da reconstrução simulada dos fatos. A autoridade solicitou o aprofundamento nas investigações para que o caso seja melhor esclarecido. Determinou, ainda, que seja oficiado à Corregedoria Geral de Polícia Civil, a fim de apurar a conduta do delegado.

Em depoimento, Giuvan contou que dormia em um colchão no chão da sala, quando acordou sendo esfaqueado no rosto por Laryssa. Na época, ele alegou não ter visto o momento em que a jovem teria ferido Júlia, muito menos ouvido o choro da criança e, ao acordar, encontrou a menina no chão com

marcas de sangue e, logo em seguida, acionou o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). A versão contada por Laryssa é diferente. Sob a condição de não ser fotografada por medo de represálias, a jovem atribui a autoria do homicídio ao ex, que desativou todas as redes sociais após a soltura dela.

O crime

Laryssa manteve um relacionamento por cerca de cinco anos com Giuvan, dos 13 aos 17 anos. A família da jovem mora em Padre Bernardo (GO) e, frequentemente, ela vinha ao DF com a filha para ficar na casa do homem, mesmo separados. Segundo ela, por várias vezes, o extento retornou o namoro, mas Laryssa havia assumido uma relação homoafetiva na época. “Como minha mãe era muito protetora e preocupada, eu ficava na casa dele aqui em Brasília ao invés de ir para a casa de amigos”, disse.

Segundo Laryssa, no dia do crime, por volta de 13h, Giuvan chegou em casa, e os dois tiveram uma discussão. Giuvan trabalhava como atendente em uma loja do shopping. Por volta das 23h, ele retornou para a casa e encontrou as malas de Laryssa e Júlia prontas. De acordo com a mulher, o rapaz pediu novamente para os dois conversarem. “Eu disse que não tinha como voltarmos, porque ele não queria ser pai, nunca quis”, revelou a jovem. Como estavam separados, Laryssa dormiu com a filha na cama de casal do quarto, enquanto Giuvan colocou um colchão no chão da sala.

“Acordei com o choro da minha filha. Quando levantei, com a lanterna do celular ligada, não achei o Giuvan e imaginei que ele pudesse ter pegado ela para ajudar. Ao ir para a sala, vi a Júlia deitada no colchão, com sangue entre as pernas, e ele abaixado ao lado. Na hora, ele só me disse que eu não deveria ter acordado. O celular dele estava com o aplicativo do Uber ligado”, lembra Laryssa.

A jovem conta que, ao ver a filha ensanguentada, a pegou no colo e notou que a criança apresentava

Arquivo pessoal



Júlia foi morta com golpes de faca no tórax. Mãe foi presa

perfurações de faca no tórax. “Nesse momento, o Giuvan andava por toda a casa. Ele me pedia algo, mas eu não conseguia entender, só sabia me concentrar na Júlia. Quando vi toda aquela situação, liguei para o 190, e ele tomou o celular da minha mão e foi para a sacada”, defende-se.

Laryssa relata que o ex retornou da sacada informando que havia ligado para a polícia e falado

que ela havia matado a criança e que deveria assumir o crime. Em fúria, ela diz ter ido à cozinha, onde pegou uma faca, e desferiu um golpe no rosto de Giuvan. “Me bateu uma revolta, uma fúria tão grande, porque, além de assassinar minha filha, ele mandou eu assumir”, confessa.

Uma vizinha, que serviu como testemunha no processo, bateu na porta ao ouvir o choro da

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



Crime aconteceu em uma quitinete, em Vicente Pires

criança. Giuvan atendeu e disse que precisava acionar o Samu, pois havia acontecido um acidente. No apartamento, Laryssa foi presa em flagrante pela PMDF e conduzida à delegacia.

Soltura

Em desespero, a mãe de Laryssa, Luciana Pires, 39, chegou à delegacia e confessou que

obrigou a filha a dizer que ela havia matado a criança. “Eu entrei em pânico. Estava com o corpo da minha neta do carro da funerária para ser enterrado. Eu só pensava em sair daquele lugar de pressão e enterrar a minha neta. Depois, eu voltava para ajudar minha filha. Eu disse à Laryssa: ‘Se você tem um pingão de amor, confessa. Estou pedindo para confessar’. Me doeu muito, mas eu sabia também que naquele momento era o que eu precisava fazer que era cuidar da outra”, desabafou, ao **Correio**. “Ela confessou porque eu obriguei”, lamentou.

Solta há pouco mais de um mês, Laryssa procura manter confinamento em uma casa e faz cursos de informática. Com tornozeleira eletrônica, ela está proibida de se ausentar do DF, de sair após as 20h e de trocar de endereço sem aviso prévio ao juízo. O processo corre na Justiça e está na fase da juntada de documentos e intimações. O **Correio** apurou que Giuvan está no Rio de Janeiro. Desde a morte da filha, ele não entrou em contato com a sogra nem com Laryssa. O espaço permanece aberto para manifestações.

Tentativa de feminicídio

PMDF/Divulgação



O acusado de tentar matar a ex-companheira a facadas deve passar por audiência de custódia hoje. Ele foi preso em flagrante e, segundo a Polícia Civil, confessou o crime ocorrido por volta das 5h30 de ontem, em São Sebastião. Segundo testemunhas, ele não aceitava o fim do relacionamento. O criminoso descartou a faca usada no crime em uma lixeira e se escondeu em uma construção. Quando os pedreiros chegaram para trabalhar, o encontraram no local. A vítima, de 57 anos, foi internada no Hospital de Base com perfurações no corpo.

Obitório

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 22 de dezembro de 2021

» Campo da Esperança

Adonias Bernaldo Filho, 58 anos
Doralice da Costa Ferreira, 84 anos
Elizabete Brengartner Alencar Costa, 55 anos
Iracema Fernandes Belo, 73 anos
John Rodrigues Pinto, 39 anos
Júlio César Lisboa Marto, 55 anos
Macdowel Azevedo Moura, 53 anos
Márcia Isabel Santos, 58 anos
Maria das Graças

Mascarenhas, 74 anos

Orly Ubirajara Urach Vieira, 62 anos

» Taguatinga

Anselmo de Sousa Barbosa, 42 anos
Antônio Marinho Frota, 86 anos
Carmem Inácio de Abreu, 59 anos
Delira Pereira da Silva, 97 anos
Emanuelo Vitoria Carvalho Viana Da Silva, menos de 1 ano
Eva Maria da Silva, 54 anos

Isabel Divina Pimentel

Marques, 73 anos
Maria Aparecida De Paula, 89 anos
Maria de Fátima Melo, 66 anos
Maria de Lima, 79 anos
Maria Madalena Chaves, 88 anos
Maria Oliveira e Silva, 76 anos
Pedrelina Ferreira de Brito, 79 anos
Welton Camber Lobo, 43 anos

» Planaltina

Ana Maria da Silva, 65 anos

Edna Maria Ferreira de Jesus, 53 anos
Nicioni Castelo Ribeiro de Moraes, menos de 1 ano

» Brazlândia

Walda Marina da Silva, 81 anos

» Gama

Edna Gomes Barbosa Santos, 51 anos
Expedita Pereira de Sousa Lavor, 85 anos

Haroldo Lima Farias, 86 anos
Teresa Cristina da Silva Lopes, 82 anos

» Sobradinho

Irene Pinto da Silva, 92 anos

» Jardim Metropolitano

Andre Luiz de Souza, 58 anos
Maria Rosa Bispo, 81 anos
Luiz Claudio de Souza, 51 anos
Terezinha de Paula Faria, 75 anos

Maria Clemente Ferreira de Azevedo, 88 anos
Genivaldo de Souza Dias, 56 anos

Maria Joselina Lucena Branco, 80 anos (cremação)
Walquíria Régia Cardoso Correia, 37 anos (cremação)
Jelson de Castro Monte Alto, 75 anos (cremação)
Angela Maria Soares Moraes, 84 anos (cremação)
Neuza Machado da Costa, 82 anos (cremação)